

# G A M /

1967

GALERIA DE ARTE MODERNA

Abril/67

5

NCr\$ 2,00

27

Tram: 99 Exposição na Escola de Belas Artes - Exposições Cíclicas

- |    |                              |  |
|----|------------------------------|--|
| 5  | Mário Pedrosa                | A espera da hora plástica                                    |
| 6  | Frederico Morais             | Como é a vanguarda paulista                                  |
| 11 | Clarival do Prado Valladares | Segall no Brasil   |
| 16 | José Roberto Teixeira Leite  | Aginaldo e a escultura afro-americana                        |
| 18 | Ceres Franco                 | Corneille, pintor do paraíso reencontrado                    |
| 20 | Mário Barata                 | De Max Ernst (palácio Grassi) a Arman (prêmio Marzotto)      |
| 23 | Rubem Valentim               | Depoimento   |
| 27 | Antonio Bento                | Exposições cíclicas e culturais                              |
| 28 | Marc Berkowitz               | Sugestões provavelmente utópicas                             |
| 30 | Quirino Campofiorito         | A poesia espontânea na cerâmica de Maria Adele e Van-Der-Ley |





# GALERIA DE ARTE MODERNA

Dois acontecimentos marcam, sem nenhuma dúvida, êste início de temporada, porque reconstituem em questão uma pergunta que não sendo nova é das mais atuais: *Para onde vão as artes plásticas brasileiras?*

De um lado, são os estudantes da Escola Nacional de Belas Artes, ombro a ombro com professores & críticos de arte, mergulhando nas raízes mesmas do movimento artístico do País, desde os precursores da semana revolucionária de Mário de Andrade até a vanguarda de nossos dias, para tentar estabelecer em termos nacionais a discussão da perspectiva do futuro. De outro, vemos a *Nova Objetividade Brasileira* proclamar a reformulação dos dados daquilo que se condicionou chamar *consciência estética*, adicionando o *comunicar* ao *criar* como imperativo de uma posição — ou um *estado típico brasileiro* — que para estar consonante com seu tempo tem de ser “contra tudo, visceralmente contra tudo” que seja paralisante da “necessidade de comunicação em grande escala de pensamentos vivos”.

Cada um a seu modo, pois, na busca da resposta àquela indagação que, não é de agora,

persegue artistas, historiadores da arte, críticos, pesquisadores, intelectuais, simples curiosos até; como sua correspondente persegue a poetas e escritores no campo das letras; também o cinema — veja-se o exemplo formidável, talvez o mais fecundo, entre nós, do cinema novo —, o teatro, a música, as ciências, etc. Por assim dizer, o País como um todo que se interroga, inquieto, para onde vai. E por que não acrescentar: a pergunta que se faz a própria humanidade atormentada pelo futuro.

Vivendo êsse contexto de crise, não é de estranhar que os jovens artistas brasileiros sejam por êle tocados, desafiados, principalmente porque sobre os moços, na verdade, recai sempre o ônus mais pesado dos instantes de choque entre o *velho* e o *novo* — essência e causa de *tôda* a crise que vivemos. Certo que a moda de inconformismo varre o mundo inteiro, mas sopra particularmente do subdesenvolvimento de povos como o nosso que, se armando de tôdas as suas fôrças, procuram sair de um estágio dito inferior que lhe impuseram durante séculos para afirmar-se culturalmente, afirmar-se sobretudo como as civilizações superiores de nosso tempo.

A partir daí, a partir dêsse *estado típico brasileiro* é de onde caber ver as duas iniciativas, é de onde cabe discutí-las e analisá-las. Não nos propomos aqui êsse estudo mais profundo, vêm tratando.

uma vez que colaboradores de GAM disso já

A intenção destas notas resume-se, simplesmente, em saudar nos dois acontecimentos uma nova filosofia de comportamento dos jovens artistas brasileiros, filosofia de “volta ao mundo” contra as velhas posições esteticistas. Sua validade é inequívoca, não importa os valores individuais. É possível, provável até — no caso particular da NOB — que pouca coisa ali resista como valor individual. Não importa. Não importa. Sempre foi assim em tais momentos definidores e jamais o deixará de ser. Porque, no fim, algo há de frutificar. Sobretudo quando jovens artistas ganham consciência para afirmar que subdesenvolvimento social já deixou de ser culturalmente estágio inferior de civilização porque, neste nosso tempo brasileiro, significa a procura de uma caracterização nacional — no caso, de uma arte caracterizadamente brasileira.

Resposta para uma velha pergunta

Reportagens	Receita de Jenner para ser pintor	Mário Gonzaga	pág. 14
	Só falta um Soutine na rua Icatu	Ridualc	pág. 32
	Terranova veio ao Brasil para esquecer horrores da guerra	Humberto Vieira	pág. 34
Correio			pág. 4
Vernissage		Luiz H. Sant'Anna	pág. 10
Mercado			pág. 13
Livros			pág. 17
Parisgan		Ceres Franco	pág. 22
Jornal			pág. 36
Galerias & Museus			pág. 38

Diretor Responsável:	J. Veiga Chaves	Correspondentes:	Ceres Franco (Paris)
Editor:	Claudir Chaves		Morgan da Mota (Belo Horizonte)
Secretário-geral/direção gráfica:	Loiola Alencar Filho		
Publicidade:	M. das Dores Silveira Martins		
Direção/Redação:	( Av. Beira Mar, 406, g/1302		
Editôra Galeria de Arte Moderna Ltda.	Telefone: 22-9713 Rio—GB		
Composição/impressão:	Ediex Gráfica e Editôra		
	Rua 24 de Fev., Bons. Rio—GB		
Clichês:	Fotogravura Rádio		
	Rua Santana, 124, loja H. Rio		
Anunciam neste número:	Brafor — Cantu — Velha Bahia — Domus — Vice Rey — Tora — Editôra Expressão e Cultura — Décor — Morada — Edelweiss — Escala — Docas da Bahia — Banco Sul do Brasil — CBI — Banco do Estado da Bahia — Ótica Wolf — Lucien Joalheiro — Editôra Civilização Brasileira — Formiplac — Galeria Varanda — Galeria Bonino — Galeria Guignard — L'Atelier Móveis — Anita Gelbert — Chlau Deveza — La Française — Xico		

## VANTAGENS DA ASSINATURA

UM ANO  
NCR\$ 20,00  
PARA O EXTERIOR  
US\$ 16

\* Uma assinatura de GAM proporciona duas vantagens: abatimento no preço e entrega da revista em casa, no mesmo dia do seu aparecimento nas bancas.

\* Envie um cheque em favor da Editôra Galeria de Arte Moderna Ltda. Av. Beira Mar, 406 grupo 1302 — Rio.